

Joseph Pipa

PREGAÇÃO

a mídia maior



OS PURITANOS



OS PURITANOS

Título original em inglês:

Preaching: The Major Medium

1ª Edição em Português – Fevereiro 2013 - Edição Digital

É permitido baixar esta publicação para uso pessoal, bem como compartilhá-la digitalmente, desde que citada a fonte com o endereçamento do link onde originalmente ela está hospedada, sendo vedada a reprodução total ou parcial desta publicação por meio impresso, sem autorização por escrito dos editores, exceto citações em resenhas.

Editor: Manoel Canuto

Tradutor: Marcos Vasconcelos

Projeto Gráfico da capa e miolo: Heraldo Ferreira de Almeida

Direitos de tradução e publicação em língua portuguesa reservados à Editora Os Puritanos/CLIRE. Rua São João, 473 - São José Recife-PE, Brasil. CEP 50.020-150, Fone: 81 3223-3642. www.ospuritanos.org

PREGAÇÃO

a mídia maior

Demonstrarei quatro coisas a respeito da pregação: ela é uma forma peculiar de comunicação; possui uma autoridade peculiar; tem uma função peculiar; e detém um poder peculiar

Joseph Pipa

Sumário

Pregação — A Mídia Maior	5
O Ato de Pregar é um Modo Ímpar de Comunicação	8
O Uso no Velho Testamento (LXX)	9
κηρυξ (<i>keryx</i>)	
κηρυσσω (<i>kerysso</i>)	
κηρυγμα (<i>kerygma</i>)	
O uso no Novo Testamento	10
κηρυξ (<i>keryx</i>)	
κηρυσσω (<i>kerysso</i>)	
κηρυγμα (<i>kerygma</i>)	
A Autoridade Ímpar da Pregação	15
A Função Ímpar da Pregação	19
O Poder Ímpar da Pregação	24

Pregação — A Mídia Maior

A Igreja enfrenta hoje uma das maiores crises no que tange à tarefa da pregação. Neil Postman registrou que a televisão, por sua própria natureza como veículo de mídia, criou uma geração de pessoas incapazes de pensar ou ouvir qualquer discurso lógico e bem fundamentado. As pessoas respondem muito melhor a mensagens visuais e emotivas.¹ Eis onde está a nossa crise. A maioria de nós foi ensinada que a pregação é o meio primário de graça. Toda igreja protestante desde a Reforma tem destacado a importância da pregação. Mas deveríamos, na presente cultura, continuar a utilizar uma mídia que a televisão tornou obsoleta? Poderíamos — ou, mais incisivamente — deveríamos adotar uma mídia mais adequada à nossa geração? Ou, existe alguma fundamentação bíblica para considerarmos a pregação como a mídia maior para que continuemos a usá-la sem levarmos em conta a mentalidade cultural? Se temos que continuar a pregar, precisamos mesmo alterar radicalmente o método da pregação? John R. Stott leva-nos na direção certa quando responde a essas questões:

Em um mundo que parece indisposto ou incapaz de ouvir, como poderíamos ser convencidos a continuar a pregar, e a aprender a fazê-lo eficazmente? O segredo essencial não está em dominar certas técnicas, mas em ser dominado por certas convicções. Noutras palavras: a teologia é mais importante que a metodologia. Ao começar a tratar do assunto assim tão cruamente, não estou desprezando a homilética como disciplina estudada nos seminários, ao contrário, estou afirmando que

1 Neil Postman. *Amusing Ourselves to Death*. (Nova Iorque: Penguin Books, 1986).

a homilética pertence propriamente ao departamento de teologia prática e não pode ser ensinada sem uma sólida fundamentação teológica. Há, com certeza, princípios de pregação que precisam ser aprendidos e uma prática a ser desenvolvida, mas é muito fácil depositar a confiança nessas coisas. A técnica pode apenas nos tornar em oradores, mas se queremos ser pregadores precisamos mesmo é de teologia. Se a nossa teologia for correta, então teremos todas as percepções essenciais daquilo que devemos estar fazendo e todos os incentivos necessários para nos levar a fazê-lo com fidelidade.²

De acordo com Stott, modificar o nosso método não seria a resposta, mas aprender a teologia bíblica da pregação. Martin Lloyd-Jones concorda totalmente:

Sempre que se pede às pessoas para darem uma palestra ou falarem sobre a pregação elas passam imediatamente a considerar os métodos, as formas, os meios e a técnica. Eu acho que isso está muito errado. Temos que começar com as pressuposições, com os requisitos subjacentes e com os princípios gerais; pois, a não ser que eu esteja muito enganado, o problema principal surge do fato de que as pessoas não têm clareza mental sobre o que é realmente a pregação.³

No presente artigo tenho por alvo discutir a teologia bíblica da pregação. Quero que entendam que a pregação é a mídia maior do Espírito Santo. Devo o título deste artigo ao falecido R. J. Rushdoony.

2 John R. Stott. *Between Two Worlds*. (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmann Publishing Company, 1982) 32.

3 Martyn Lloyd-Jones. *Preaching and Preachers*. (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1971) 10.

Procurarei responder algumas questões básicas. O que é pregação? Todos achamos que sabemos a resposta disso, mas seríamos capazes de apresentar uma definição *bíblica*? É a pregação diferente das outras formas de comunicação do evangelho e da doutrina? Se é, o que os diferencia? Onde repousa a autoridade da pregação? O que ela faz, e como o faz?

Adoto 2Timóteo 4.1-5 como meu ponto de partida. Acredito que as epístolas pastorais são a principal ponte entre a era apostólica e o restante das eras do Novo Testamento em que vivemos. As cartas apostólicas a Timóteo e a Tito ensinam a igreja a como se comportar quando não existirem mais as revelações especiais. Portanto, aquilo que Paulo ordena a Timóteo, é normativo para o funcionamento da igreja na era em que vivemos:

Conjuro-te, perante Deus e Cristo Jesus, que há de julgar vivos e mortos, pela sua manifestação e pelo seu reino: prega a palavra, insta, quer seja oportuno, quer não, corrige, repreende, exorta com toda a longanimidade e doutrina. Pois haverá tempo em que não suportarão a sã doutrina; pelo contrário, cercar-se-ão de mestres segundo as suas próprias cobiças, como que sentindo coceira nos ouvidos; e se recusarão a dar ouvidos à verdade, entregando-se às fábulas. Tu, porém, sê sóbrio em todas as coisas, suporta as aflições, faz o trabalho de um evangelista, cumpre cabalmente o teu ministério.

Demonstrarei quatro coisas a respeito da pregação: ela é uma forma peculiar de comunicação; possui uma autoridade peculiar; tem uma função peculiar; e detém um poder peculiar.

O Ato de Pregar é um Modo Ímpar de Comunicação

A pregação é distintiva por ser a proclamação verbal, pública e cheia de autoridade realizada por alguém designado para tal tarefa. O imperativo usado por Paulo em 2Timóteo 4.2, κηρυξον (*keryxon*), denota a sua forma peculiar de comunicação.

Esse termo provém das palavras da família κηρυξ (*keryx*): *keryx*, o arauto; *kerysso*, o ato praticado pelo arauto (a proclamação); e *kerygma*, o produto da proclamação — algumas vezes a ênfase concentra-se no ato, outras vezes, no produto.⁴

Na cultura grega clássica o arauto era um oficial porta-voz do rei, um general, ou até mesmo um deus. Ele agia debaixo da autoridade dos deuses e do oficial que o enviara. Os deuses, na verdade, tinham seu próprio arauto: Hermes, o porta-voz de Zeus. Encontramos um exemplo desse cargo em Atos 14.12, quando os Pagãos de Listra denominam Barnabé de Zeus [ou Júpiter] e Paulo, por ser o pregador principal, de Hermes [ou Mercúrio]. O arauto anunciava proclamações oficiais, negociava em tempos de guerra, e até mesmo conduzia a adoração. O título também era dado a filósofos-pregadores. Deus utilizou-se da Septuaginta (a tradução grega do VT hebraico), assim como de outros termos do grego clássico moldando-os ao uso do Novo Testamento. Os tradutores da Septuaginta (LXX) usam todos os três termos.

⁴ Gerhard Friedrich. “κηρυξ...” in *Theological Dictionary of the New Testament*, org. G. Friedrich e G. Kittle, 10 vols. (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1960) 3:683-718.

O Uso no Velho Testamento (LXX)

κηρυξ (*keryx*)

O Velho Testamento não usa *keryx*, que significa arauto, para o ofício de profeta. No entanto os autores bíblicos usam esse termo por duas vezes para descrever o trabalho do arauto. Em Gênesis 41.43, Moisés usa *keryx* para descrever o arauto que vai adiante de José, e Daniel utiliza-se do termo para descrever o arauto da corte fazendo uma proclamação em nome do rei (Dn 3.4).

κηρυσσω (*kerysso*)

Os tradutores da Septuaginta usaram *kerysso* para traduzir três palavras ou expressões do Velho Testamento. A primeira, עָבַר קוֹל (*abar qôl*), significa levar uma voz. Essa locução é utilizada para descrever proclamações reais ou religiosas. Por exemplo, em Êxodo 36.6, *kerysso* é a tradução de *abar qôl*: “Então, ordenou Moisés — e a ordem foi proclamada no arraial, dizendo: Nenhum homem ou mulher faça mais obra alguma para a oferta do santuário. Assim, o povo foi proibido de trazer mais”. Outro exemplo encontra-se em 2Crônicas 36.22: “Porém, no primeiro ano de Ciro, rei da Pérsia, para que se cumprisse a palavra do SENHOR, por boca de Jeremias, despertou o SENHOR o espírito de Ciro, rei da Pérsia, o qual fez passar pregão por todo o seu reino, como também por escrito, dizendo: ...”.

Kerysso é também a tradução para קָרָא (*qārā'*), que significa proclamar ou clamar. Por exemplo, o termo *qara'* é utilizado para a pregação de Jonas, Jonas 1.2: “Dispõe-te, vai à grande cidade de Nínive e clama contra ela, porque a sua malícia subiu até mim”; Jonas 3.2,4: “Dispõe-te, vai

à grande cidade de Nínive e proclama contra ela a mensagem que eu te digo. (...) Começou Jonas a percorrer a cidade caminho de um dia, e pregava, e dizia: Ainda quarenta dias, e Nínive será subvertida”. Em Êxodo 32.5, Moisés usa essa palavra para a proclamação de uma festa religiosa.

A terceira palavra hebraica que *kerysso* traduz é רוע (rûa‘). A Bíblia usa esse termo em Sofonias 3.14; Zacarias 9.9 para “rejubilar” ou “exultar”.

κηρυγμα (*kerygma*)

Kerygma é utilizado para traduzir o verbo hebraico קרא (qārā‘), o substantivo קריאה (qer’ah) e a expressão idiomática עבר קול (abar qôl). O termo tem o sentido de proclamação expressa de forma oral. Por exemplo, 2Crônicas 30.5 (NVI), “Então decidiram fazer uma proclamação em todo o Israel, desde Berseba até Dã, convocando o povo a Jerusalém para celebrar a Páscoa do SENHOR, o Deus de Israel. Pois muitos não a celebravam segundo o que estava escrito”, (cf. Jn 3.2).

Assim, na Septuaginta toda, *kerysso* e *kerygma* transmitem a ideia de proclamação pública e oral. A Septuaginta toma essa família de palavras da cultura grega e a prepara para o uso no Novo Testamento.

Não devemos ficar surpresos por encontrar essas três palavras usadas no Novo Testamento exclusivamente para o ofício da pregação, o ato da proclamação pública, e a mensagem expressa através da proclamação oral.

O uso no Novo Testamento

κηρυξ (*keryx*)

O termo *arauto* só é utilizado nos livros mais tardios do Novo Testamento. Paulo usa o termo em 1Timóteo 2.7, “*Para isto fui designado pregador e apóstolo (afirmo a verdade, não minto), mestre dos gentios na fé e na verdade*” (cf. 2Tm 1.11). Pedro usa o termo para descrever a pregação de Noé, 2Timóteo 2.5, “*e não poupou o mundo antigo, mas preservou a Noé, pregador da justiça, e mais sete pessoas, quando fez vir o dilúvio sobre o mundo de ímpios*”.

Há uma boa razão para que esse termo não seja utilizado nos escritos mais precoces do Novo Testamento. No Novo Testamento a ênfase não repousa na dignidade do pregador. Somos vasos frágeis. A ênfase concentra-se na dignidade de Jesus Cristo. Além disso os escritores podem ter desejado evitar qualquer possibilidade de serem confundidos com os pregadores filosóficos ativos em todo o império romano. Pelo fim da era apostólica o ofício e a função de pregador estavam bem estabelecidos pela prática e era, portanto, seguro aplicar esse termo aos pregadores. Isso nos assegura o pensar no pregador como um arauto do Senhor Jesus Cristo, um embaixador que proclama oralmente uma mensagem autoritativa da parte do rei.

κηρυσσω (*kerysso*)

Por essa causa, não é de se surpreender que os escritores usem em todo Novo Testamento o termo *kerysso* para descrever o ato da pregação — a pregação de João Batista (Mc 1.4), de Jesus (Mc 1.14) e dos apóstolos (Mc 3.14).⁵ As

⁵ Veja também At 8.5; Rm 10.14, 15; 1Co 15.11; Gl 2.2; Fp 1.15.

poucas vezes em que *kerysso* não descreve o ato de pregar ainda se referem à proclamação pública e verbal (Mc 1.45; 7.36; Lc 8.389; 12.3).

κηρυγμα (*kerygma*)

O Novo Testamento quase sempre usa o termo *kerygma* para descrever a mensagem expressada por intermédio da pregação. Em Mateus 12.41, Jesus usa o termo para descrever a mensagem de Jonas, “*Ninivitas se levantarão, no Juízo, com esta geração e a condenarão; porque se arrependeram com a pregação de Jonas. E eis aqui está quem é maior do que Jonas*”. A mensagem caracteriza-se por ser proclamada dessa forma. Algumas vezes a ênfase concentra-se no método, ao passo que noutras, na mensagem. No entanto jamais desaparece a conotação de uma mensagem verbal e pública (Rm 16.25; 1Co 1.21; 2.4; 2Tm 4.17; Tt 1.3).

É à luz desse cenário lingüístico que Paulo usa o termo *kerysso* em 2Timóteo 4.2. Quando os escritores do Novo Testamento usam esse termo, há invariavelmente a conotação de proclamação autoritativa, verbal e pública. Portanto, é desse modo que definimos o ato da pregação, e observe-se que é um ato distinto, diferente da leitura da Escritura, do ensino na Escola Dominical ou de testemunhar.

A singularidade da pregação é ainda mais salientada quando se a contrasta com outras formas de comunicação doutrinal e do evangelho. Os escritores do Novo Testamento utilizaram-se de vários termos para descreverem a comunicação da mensagem de Deus. Alguns deles ou são sinônimos de *kerysso* ou descrevem alguma função particular como arrazoar e discorrer. A Bíblia, no entanto, usa

três termos que os intérpretes muitas vezes os explicam como sinônimos de *kerysso*, quando, na verdade, possuem sentidos diferentes e distintos. Esses três são: *ευαγγελιζω* (*euangelizo*), *διδασκω* (*didasko*) e *μαρτυρεω* (*martyreo*).

Euangelizo é a declaração das boas novas que Deus está salvando pecadores mediante a obra do Seu Filho, o Senhor Jesus Cristo. A palavra evangelho procede da forma substantiva dessa palavra, *ευαγγελιον* (*euangelion*). Os escritores do Novo Testamento usam *euangelizo* algumas vezes para descrever o ato da pregação (Lc 4.18 e 1Co 15.1,2). Em outras ocasiões a Bíblia usa o substantivo *euangelion* como objeto do verbo *kerysso*. O sentido básico da palavra, contudo, não é o de pregar, mas o de comunicar as boas novas. A conotação dessa palavra está na comunicação de uma mensagem de boas novas. Comunicação pode ser realizada por meio do ato da pregação, como também pode ser feita na conversa particular, ou por carta (Lc 1.19; 2.10; 1Ts 3.6).

Em Atos 8 vemos o contraste entre *euangelizo* e *kerysso*. Em Atos 8.4 quando os cristãos fogem de Jerusalém falam do evangelho, compartilhando-o por onde passam. Nesse contexto, não deveríamos traduzir *euangelizo* como pregação, pois que o termo é utilizado genericamente incluindo todos os tipos de apresentação do evangelho.

No entanto em Atos 8.5, Filipe, o evangelista, pregou (*kerysso*) o evangelho na cidade de Samaria. Lucas usa *kerysso* para descrever a proclamação pública e verbal. Finalmente em Atos 8.35, a conversa em particular de Filipe com o eunuco etíope é descrita com o termo *euangelizo*. Por meio desses contrastes podemos perceber que embora se possa usar *euangelizo* para uma conversa em particular

e outras formas de se ministrar o evangelho, *kerysso* é usado exclusivamente para a proclamação pública e verbal.

O mesmo se pode dizer de *didasko*, ensinar. O erudito em Novo Testamento C. H. Dodd estabeleceu uma distinção entre *kerygma* e *didache*. A sua tese é que *kerygma* descreve a pregação apostólica do evangelho ao passo que *didache* a pregação no seio da igreja. “A pregação, por outro lado, é a proclamação pública do cristianismo para o mundo não cristão”.⁶

Meu propósito não é tecer uma crítica exaustiva sobre a posição de Dodd. Basta que lembremos que os escritores do Novo Testamento usam os termos *kerysso/kerygma* e *didasko/didache* intercambiavelmente. Os escritores dos evangelhos usam os dois conjuntos de termos para descreverem o ministério evangelístico de Jesus. “*Percorria Jesus toda a Galileia, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do reino*” (Mt 4.23; cf. Mc 1.21 e Lc 4.44).⁷ Marcos usa *didache* em Marcos 1.27 para a pregação do evangelho por Jesus: “*Todos ficaram tão admirados que perguntavam uns aos outros: ‘O que é isto? Um novo ensino — e com autoridade! Até aos espíritos imundos Ele dá ordens, e eles lhe obedecem!’*” (cf. Mc 1.22 – NVI). Embora não adote a distinção incisiva de Dodd entre ensinar e pregar, eu estabeleceria uma distinção. Conquanto a pregação possua sempre um elemento de ensino, nem todo ensino é pregação. O ensino tem a ver com a instrução. Embora a instrução deve ser parte integrante de um sermão, ela é também realizada noutro contexto. Em Atos 20.20 encon-

6 C. H. Dodd. *The Apostolic Preaching and its Development*. (New York: Harper & Brown Publishing, 1964) 7. Martin Lloyd-Jones aparentemente concorda com essa distinção, *Preaching*, 62ss.

7 Ênfase minha.

tramos Paulo ensinando de casa em casa. O ensino pode adotar muitas e diversas metodologias, a pregação, no entanto, é sempre a proclamação pública e verbal. Além de que, o ensino jamais terá o mesmo grau de autoridade divina que Deus concede à pregação.

Temos também que observar a distinção entre *kerysso* e *martyreo*, testemunhar ou testificar. Testemunhar, assim como ensinar, pode constituir um dos aspectos da pregação; particularmente da pregação apostólica (At 1.8). Esse seu aspecto particular, no entanto, está relacionado ao testemunho que os apóstolos prestam do Senhor ressurreto (At 1.22; 1Jo 1.2). Em nosso contexto os crentes devem dar testemunho daquilo que Deus tem realizado em suas vidas. Certamente deveria existir elementos de testemunho em nossas pregações, quando pregamos verdades que experimentamos. O conceito de testificar, contudo, é diferente do conceito de pregar. Não devemos fazer do testemunhar um sinônimo do ato de pregar.

Portanto, ao se pregar evangeliza-se, ensina-se e testemunha-se; essas coisas, por serem formas distintas de comunicação do evangelho e doutrinal, não devem ser confundidas com a pregação. Pregação é uma forma singular de comunicação; é a proclamação verbal e pública da mensagem de Deus.

A Autoridade Ímpar da Pregação

A singularidade da pregação leva-nos ao segundo ponto: a pregação é ímpar em sua autoridade. É a função particular de alguém comissionado para tal tarefa. Paulo ordenou a Timóteo que pregasse como uma parte integrante do seu

ofício “*faze o trabalho de um evangelista, cumpre cabalmente o teu ministério*” (2Tm 4.5).

O termo *evangelista*, no Novo Testamento, refere-se a um ofício extraordinário (Ef 4.11). Os evangelistas foram um grupo de homens indicados para serem auxiliares apostólicos — homens como Timóteo, Tito, Lucas e Marcos que trabalhavam debaixo da autoridade apostólica para edificar a igreja nascente. Os apóstolos plantavam igrejas e depois enviavam os evangelistas para as consolidar. Portanto, historicamente, os teólogos têm se referido ao “evangelista” como um ofício extraordinário.

Timóteo, portanto, fazia a obra de um evangelista pela pregação da Palavra. Ele tinha que pregar para cumprir o ministério que lhe havia sido confiado.

Em Romanos 10.15 Paulo confirma a pregação com ofício. Ele questiona: “*como pregarão, se não forem enviados?*”. Noutras palavras, a menos que tenha recebido o ofício ninguém pode trabalhar com autoridade. Em 1Timóteo 5.17 Paulo se refere a essa categoria especial de presbíteros chamados para pregar. No âmbito Presbiteriano Reformado tais homens são denominados de “presbíteros”, “ministros”, “pregadores” ou “docentes” para distingui-los dos presbíteros regentes. Portanto, embora todos os presbíteros possam governar, somente aqueles convocados para o ofício da pregação podem pregar.

O entendimento da pregação como um ofício está implícito no termo *keryx*. Como já observado, *keryx* era um arauto comissionado. Friedrich diz que os pregadores são “homens pecadores comissionados por Deus para declara-

rem essa mensagem aos homens”.⁸ E continua, “se não há comissão e envio, não há pregadores, e se não há pregadores não há proclamação. A verdadeira proclamação não se dá pela Escritura somente, mas pela sua exposição, Lucas 4.21. Deus não envia livros, envia mensageiros. Ele, ao escolher indivíduos para esse mister, institui o ofício da proclamação. Nem todo cristão é chamado para pregar”.⁹ Pierre Marcel acrescenta: “Somente a comissão para pregar dada por Cristo e as promessas que a acompanham estabelecem o ministério da palavra e a legitimidade da pregação. A pregação da Palavra de Deus não é uma invenção da igreja, mas uma comissão recebida por ela. Ela, portanto, não é competente para validá-la. Sendo recebedora dessa comissão, só pode repeti-la, obedecê-la e demonstrar a sua obediência”.¹⁰

O pregador, portanto, deriva a sua autoridade da nomeação que recebeu de Cristo. Quando o comissionado prega, ele o faz na autoridade ímpar do Senhor Jesus Cristo. Ao proclamar a sua mensagem, o pregador tem autoridade para dizer “assim diz o Senhor”. A sua mensagem porta a autoridade especial de Cristo. Ele deve ser ouvido por causa do seu ofício (Mt 23.1-3).

Além de que, quanto a isso, quando um pregador comissionado e ordenado proclama a palavra de Cristo, é Cristo quem fala por seu intermédio. Calvino afirma: “[Deus] dignou-se a consagrar para Si mesmo os lábios e as línguas de homens para que a Sua voz possa neles ressoar”.¹¹

Paulo ensina claramente esse conceito em Romanos

8 Kittle, 701.

9 Ibidem, 712.

10 Pierre Marcel. *The Relevance of Preaching*. (Grand Rapids: Baker Book House, 1977) 18.

11 John Calvin. *The Institutes of the Christian Religion*. 2 vols. (Filadélfia: The Westminster Press) 2:1018.

10.14. “*E como crerão naquele a quem não ouviram?*”^{12*} Atentem que não é *de quem* não ouviram, mas *a quem* não ouviram.¹³ Como ouvirão (i.e. ouvirão a Cristo) sem um pregador? Quando um pregador legitimamente ordenado proclama a Palavra, Cristo fala por intermédio dele. Marcel chama a atenção de que “Ele considera indispensável afirmar que eles, ao proclamarem as boas novas, é como se o próprio Cristo a proclamasse pessoalmente. Ela é e permanece sendo *a Palavra de Deus* e conserva seu mesmo poder e eficácia”.¹⁴ Desse modo a Palavra pregada torna-se a Palavra viva.

Essa posição dos Reformadores está sintetizada na Segunda Confissão Helvética, Capítulo 1, “(A PREGAÇÃO DA PALAVRA DE DEUS É A PALAVRA DE DEUS).^{15†} Portanto, quando esta Palavra de Deus é agora anunciada na Igreja por pregadores legitimamente chamados, cremos que a própria Palavra de Deus é anunciada e recebida pelos fiéis; e que nenhuma outra Palavra de Deus pode ser inventada, ou esperada do céu: e que a própria Palavra anunciada é que deve ser levada em conta e não o ministro que a anuncia, pois, mesmo que este seja mau e pecador, contudo a Palavra de Deus permanece boa e verdadeira.”. O Capítulo 18 dessa confissão considera quando os maus ministros devem ser ouvidos. “Porquanto sabemos que a voz de Cristo deve ser ouvida, mesmo dos lábios de maus ministros; porque o Senhor mesmo disse: “Fazei e guardai, pois, tudo quanto eles vos disserem, porém, não os imiteis nas suas obras” (Mt 23.3).

Assim, quando um comissionado prega fielmente a infalí-

12 * Tradução literal da versão inglesa.

13 ακουω em geral recebe o genitivo como objeto direto. cf. Jo 3.29, Mc 9.7 e 1Jo 4.5,6.

14 Marcel, 12. Veja Mt 10.7; Lc 10.16; 1Ts 2.13.

15 † <http://www.geocities.com/arpav/biblioteca/segundaconfissaohelvetica.html> — 12/06/2003

vel Palavra de Deus, Deus fala por seu intermédio de modo ímpar. Conforme diz Marcel:

Noutras palavras, a pregação não é um barulho vazio, mas um poder; não uma declaração pura e simples da Sua vontade, mas a realização de fato dessa vontade (Is 55.11). Esse é o testemunho de Cristo e das Escrituras com respeito à palavra *pregada* que, por sua própria natureza como Palavra de *Deus*, é e permanece tão eficaz como a palavra pela qual Deus cria e sustenta o mundo, ou como aquela por meio de que Cristo acalma a tempestade (Mc 4.39), cura o enfermo (Mt 9.6), expulsa demônios (Mt 8.16) e ressuscita os mortos (Lc 7.14; 8.54; Jo 5.25, 28; 11:53; etc). A palavra por intermédio da qual Deus opera nos reinos oral e espiritual pela pregação do evangelho é igualmente eficaz e poderosa porque, sob as Suas ordens e pela virtude da Sua vontade, é uma palavra de *Deus*.¹⁶

Vimos até aqui que a pregação é a proclamação verbal, pública e autoritativa da mensagem de Deus através do homem que Cristo separou com um propósito especial por meio da Sua igreja. Na pregação verdadeira Cristo está presente de modo especial e fala sobrenaturalmente.

A Função Ímpar da Pregação

A pregação tem uma função ímpar em decorrência da sua autoridade singular. A saber, Cristo faz o Seu reino avançar por intermédio da pregação. Paulo, em Romanos 10.14, afirma que as pessoas são salvas ao ouvirem a Cristo na pregação. Stott diz que a pregação é o ato aplicativo da redenção:

¹⁶ Marcel, 21, 22.

É pela pregação que Deus faz da história passada uma realidade presente. A cruz foi e será sempre um evento histórico e singular do passado. É lá que ela permanecerá, no passado, nos livros, a menos que Deus a torne real e relevante para os homens hoje. É pela pregação, em que lhes faz o Seu apelo por meio de homens, que Deus realiza este milagre. Ele lhes abre os olhos para verem o seu verdadeiro sentido, o seu eterno valor e o seu mérito permanente. “A pregação”, escreve o Dr. Mounce, “é aquele elo atemporal entre o grande Ato redentor de Deus e a sua apreensão pelos homens. É o meio pelo qual Deus torna atual a Sua autorrevelação e oferece ao homem a oportunidade de responder em fé”. Mas ela é muito mais do que isso. Deus não apenas confronta os homens pela proclamação do pregador, mas também os salva de fato. Paulo afirma isso categoricamente: “*Visto como, na sabedoria de Deus, o mundo não o conheceu por sua própria sabedoria, aprouve a Deus salvar os que creem pela loucura da pregação [kerygma]*” (1Co 1.21). Similarmente o evangelho é em si mesmo “*o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê*” (Rm1.16, 17).¹⁷

A pregação é, portanto, o principal meio de graça e deveria ocupar o lugar principal do ministério da igreja. O catecismo de Heidelberg indica que a pregação é parte do exercício das chaves do reino dos céus:

Que são as chaves do reino dos céus? A pregação do santo Evangelho e a disciplina cristã. É por estes dois meios que o reino dos céus se abre para aqueles que creem e se fecha para aqueles que não creem. Como se

17 John R. Stott. *The Preacher's Portrait*. (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1965), 53.

abre e se fecha o reino dos céus pela pregação do santo Evangelho? Conforme o mandamento de Cristo, se proclama e testifica aos crentes, a todos juntos e a cada um deles, que todos os seus pecados realmente lhes são perdoados por Deus, pelo mérito de Cristo, sempre que aceitam a promessa do Evangelho com verdadeira fé. Mas a todos os incrédulos e hipócritas se proclama e testifica que a ira de Deus e a condenação permanecem sobre eles, enquanto não se converterem. Segundo este testemunho do Evangelho Deus julgará todos, nesta vida e na futura.¹⁸

Devido a essa sua função, o Catecismo de Heidelberg ensina que a pregação é o principal meio de graça: “Visto que somente a fé nos faz participar de Cristo e de todos os seus benefícios, de onde vem esta fé? Vem do Espírito Santo que a produz em nossos corações pela pregação do Evangelho, e a fortalece pelo uso dos sacramentos”.¹⁹ Os teólogos de Westminster concordam:

Como a palavra se torna eficaz para a salvação? O Espírito de Deus torna a leitura, e especialmente a pregação da palavra, um meio eficaz para iluminar, convencer e humilhar os pecadores; para lhes tirar toda confiança em si mesmos e os atrair a Cristo; para os conformar à sua imagem e os sujeitar à sua vontade; para os fortalecer contra as tentações e corrupções; para os edificar na graça e estabelecer os seus corações em santidade e conforto, mediante a fé para a salvação.²⁰

18 Perguntas 83, 84. *Confissão de Fé e Catecismo de Heidelberg* (São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1999), 64.

19 Pergunta 65. *Ibidem*.

20 Pergunta 155. *Catecismo Maior de Westminster* (Edição Especial - São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1991), 337.

Deus instituiu a pregação como o meio primário de graça para que a graça soberana fosse exaltada (1Co 1.21; 2Co 4.7). A pregação, do ponto de vista metodológico, é um tolo veículo de mídia, não apenas na nossa, mas em todas as épocas. Deus, contudo prescreveu a pregação como o Seu método primário para que a Ele seja dada toda a glória (Rm 11.33-36). Não estou dizendo que a pregação é o único meio de evangelismo ou edificação. Pelo contrário, Deus a coloca como o centro de toda obra de evangelho. A leitura da Bíblia em privado interage com a pregação. Conforme diz Marcel: “A leitura da palavra deve seguir de mãos dadas com a pregação dela. As graças obtidas na leitura individual dependem da graça da palavra pregada (Lc 24.25-27; At 8.32-40 etc), a palavra explicada e comentada por um homem designado para tal propósito”.²¹ Podemos dizer o mesmo para todos os outros meios legítimos de comunicação do evangelho e doutrinal. Todos eles devem se relacionar com a pregação — dela e para ela fluindo.

Se, entretanto, Cristo deve estar presente para fazer expandir o Seu reino através do ato da pregação, o conteúdo da pregação tem que ser a Palavra de Deus. Paulo ordena a Timóteo que pregue a palavra (2Tm 4.2). Marcel afirma que esta é a marca de toda verdadeira pregação: “A Palavra de Deus, pregada e ensinada, é o meio mais poderoso para a promoção da santificação e da salvação dos homens e para lhes assegurar o seu bem-estar temporal e eterno”.²²

A ordenança de Paulo inclui duas coisas: explanação e aplicação. O pregador deve ter sempre a Bíblia como o seu tema. O seu propósito é explicar a verdade da Escritura. O

²¹ Marcel, 20.

²² *Ibidem*, 24.

conteúdo da nossa pregação deve ser tirado exclusivamente da Bíblia. Marcel chama a atenção para o perigo da pregação culturalmente embasada.

Ao contrário, quando a verdade foi cada vez mais corrompida pelas especulações da filosofia e pela introdução de doutrinas judaicas relativas a cerimônias e ao sacerdócio; quando se introduziu uma certa *reserva* à pregação e essa reserva foi considerada como um sábio e justificável *instrumento* a ser utilizado para que se não ofendesse ninguém e se alcançasse um *maior número jamais alcançado*, conforme a famosa doutrina da economia; quando a igreja passou a usar meios e autoridades outras que não aquelas da Palavra de Deus somente; quando o culto cristão misturou-se desordenadamente com os ritos pagãos e a confiança das pessoas desviou-se de Deus e de Cristo para a Virgem e os Santos, então as sombras da noite engoliram a Igreja, e a escuridão tornou-se cada vez mais densa, até que a verdade e a luz foram quase totalmente obscurecidas.²³

A pregação da palavra também sugere alguma coisa sobre as formas que um sermão deve tomar. Diz Wiseman: “a pregação bíblica reveste-se de uma dimensão acrescida de poder e profundidade até quando a sua forma mesma é moldada pela passagem bíblica explorada”.²⁴ Embora sermões tópicos possam ser úteis em diversas ocasiões, os sermões mais úteis são aqueles que tiram não apenas as suas mensagens da Escritura, mas que são também modelados pela Escritura — a forma e a gramática da passagem modelam a estrutura do sermão.

²³ Ibidem, 22-24.

²⁴ Neil B. Wiseman. *Biblical Preaching for Contemporary Man*. (Grand Rapids: Baker Book House, 1976), 12.

Para que o sermão faça avançar o reino de Cristo ele precisa também conter uma aplicação. Paulo diz a Timóteo que ele deve corrigir, repreender e exortar (2Tm 4.2). Na mensagem que carece de uma aplicação não é verdadeiramente um sermão.

Temos visto, portanto, que um homem apropriadamente ordenado quando prega e aplica a Palavra de Deus, Cristo fala de modo singular para congregar e aperfeiçoar os Seus eleitos (1Ts 2.13; 1Co 1.21ss.). Temos que considerar ainda uma coisa. Para que a pregação alcance o seu propósito, é preciso que o Espírito Santo atue de uma maneira singular.

O Poder Ímpar da Pregação

A pregação tem essa divina eficácia quando é abençoada pelo Espírito Santo. A causa dessa eficácia não é a mera persuasão moral, nem existe qualquer lei espiritual automática de modo que a palavra pregada opera automática e independentemente do Espírito. A eficácia da pregação depende dos atos soberanos do Espírito Santo. O Espírito deve associar-se à palavra pregada e agir com ela.

O trabalho de pregação, portanto, deveria ser realizado na dependência do Espírito. Tanto na sua preparação quanto na sua proclamação o pregador precisa depender ativamente do Espírito Santo.

Com respeito à preparação, o pregador só pode falar em nome de Deus e proclamar a palavra se ela lhe houver sido primeiramente explanada pelo Espírito.²⁵ Quanto à proclamação, o sermão preparado só poderá se tornar a podero-

²⁵ Ibidem, 91.

sa palavra de Deus quando abençoado pelo Espírito Santo no ato da pregação (1Co 2.4). Precisamos distinguir entre o sermão preparado no gabinete e o sermão pregado. Ambos são necessários, contudo são atos separados.

A obra do Espírito no ato da proclamação tem sido chamado de “unção”. O termo refere-se à obra do Espírito sobre o pregador quando ele prega. Marcel define o que vem a ser a unção:

Quando, na pregação, o homem abandona-se à liberdade do Espírito, ele descobre que as suas faculdades estão desenvolvidas além do normal; concede-se liberdade não apenas à alma, mas também à língua, a penetração mental do pregador é mais profunda, a sua habilidade para retratar as coisas na sua mente é maior; a verdade opera em sua alma com um poder maior; a sua fé é mais intensa; ele se sente envolvido numa viva e compacta realidade. Os seus sentimentos são muito mais sensíveis e lhe permeiam espontaneamente o coração. Passa a pensar os pensamentos de Cristo, a experimentar os sentimentos e as emoções de Cristo (....) O Espírito dota a sua palavra, a sua expressão, de um viço e de uma vitalidade naturais o que concede à nova palavra uma nova e original aparência *pertencentes apenas ao estilo falado.*²⁶

Martin Lloyd-Jones indica que há também uma unção sobre a congregação: a Pregação “deveria ser sempre uma interação entre o pregador e a audiência onde ocorre algo vital e vivificante. Não é o mero partilhar de conhecimento, envolve algo muito maior. A pessoa total está envolvida em ambos os lados, e se errarmos ao não percebermos isso a

²⁶ Ibidem, 100, 101.

nossa pregação será um fracasso”.²⁷

No entanto o Espírito opera soberanamente. Ele, conforme lhe aprouver, há de conceder manifestações exteriores de poder em alguma medida; às vezes haverá de operar poderosamente nos ouvintes quando o pregador não sente nenhuma evidência de poder ou unção. Mas a pregação sempre cumprirá os propósitos de Deus (Is 55.10-11). Algumas vezes Deus converterá imediatamente homens e mulheres debaixo da pregação da palavra (At 13.48; 16.14). Na maior parte das vezes ele opera mais lentamente como em Saul ou Saulo de Tarso. Precisamos também nos lembrar da lastimável verdade de que algumas vezes ele se utilizará da pregação para endurecer os pecadores (2Co 2.14-16). Contudo, depois que tudo foi dito e feito, a glória pertence a Deus (Rm 11.33-36).

Deus, portanto, faz da pregação a Sua mídia principal. Pregação é a proclamação verbal, pública e cheia de autoridade da Palavra de Deus que explica e aplica a sua Palavra. Aquele que prega deve ser comissionado por Cristo por intermédio da Sua Igreja. Quando alguém assim prega a Palavra, Cristo se faz presente e fala por intermédio dele. Pelo poder soberano do Espírito Deus converterá e santificará.

Na medida que a igreja acreditar nessas verdades e agir tendo-as como fundamento ela será capaz de pregar a uma cultura indisposta e incapaz de ouvir. Deus continuará a operar por intermédio da loucura da pregação para edificar a sua igreja.

²⁷ Lloyd-Jones, 54, 55. cf. 42, 43 e Marcel, 65.

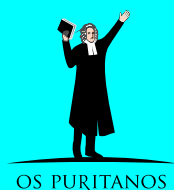
PREGAÇÃO

a mídia maior

A Igreja enfrenta hoje uma das maiores crises no que tange à tarefa da pregação. Neil Postman registrou que a televisão, por sua própria natureza como veículo de mídia, criou uma geração de pessoas incapazes de pensar ou ouvir qualquer discurso lógico e bem fundamentado. As pessoas respondem muito melhor a mensagens visuais e emotivas. Eis onde está a nossa crise. A maioria de nós foi ensinada que a pregação é o meio primário de graça. Toda igreja protestante desde a Reforma tem destacado a importância da pregação. Mas deveríamos, na presente cultura, continuar a utilizar uma mídia que a televisão tornou obsoleta? Poderíamos — ou, mais incisivamente — deveríamos adotar uma mídia mais adequada à nossa geração? Ou, existe alguma fundamentação bíblica para considerarmos a pregação como a mídia maior para que continuemos a usá-la sem levarmos em conta a mentalidade cultural? Se temos que continuar a pregar, precisamos mesmo alterar radicalmente o método da pregação?

O Dr. Joseph Pipa é o Presidente do Greenville Presbyterian Theological Seminary; Prof. de Teologia Sistemática e Histórica; BA, Belhaven College, 1968; M.Div, Reformed Theological Seminary, 1971; Ph.D., Seminário Teológico de Westminster, Filadélfia, 1985.

Autor de vários livros, entre eles: Raízes e Ramos; William Perkins e o Desenvolvimento da Pregação Puritana; O Dia do Senhor; A Confissão de Fé Westminster: Um Guia de Estudo para as Igrejas; Gálatas: Proclamação da Liberdade de Deus.



Edição Digital – ospuritanos.org
Facebook/[ospuritanos.org](https://www.facebook.com/ospuritanos.org)